

Histeria, Freud e Psicanálise: um breve histórico

Gilla Maria Jacobus Bastos

Ao iniciar a Formação, me deparei com a necessidade de recomeçar o aprendizado ou aprofundar o que já sabia sobre Psicanálise. Percebi que para conhecer e apreender a Psicanálise deveria recorrer a sua história novamente.

Então, vieram novamente indagações: como surgiu esse método de tratamento psicológico na história da humanidade? Qual a relação e a importância da histeria na história da Psicanálise? Como Freud foi montando seus pressupostos?

Tentar responder estas perguntas iniciais será a proposta deste trabalho, aproveitando as ideias do grupo dos Seminários iniciais de Freud I e Psicopatologia I no curso de Formação em Psicanálise do Circulo Psicanalítico do RS. Isso através de um breve levantamento do início da Psicanálise e sua relação com a história da Histeria no campo das doenças psíquicas na humanidade e como Freud entrou nessa relação.

Parece que esse entrelaçamento foi necessário para que a Psicanálise existisse, pois iria envolver a necessidade de atender um mal que vinha desde a antiguidade perturbando a Humanidade, sem resultados favoráveis, até o surgimento do método psicanalítico.

Vamos começar voltando no tempo através:

1. Da história da histeria antes de Freud

Essa doença parece ter sido um enigma desde a história antiga para a medicina, porque a origem dos seus sintomas e a terapêutica poucos resultados favoráveis tinham registros.

Segundo Ribeiro, (1994) a histeria aparece na história inicialmente como objeto de observação e tratamento das parteiras, as quais se encarregavam de atender as mulheres acometidas desta doença. Em 400 a.C. Hipócrates e Platão retiraram das parteiras a incumbência sobre as histéricas e passaram a considerá-la um problema de deslocamento da matriz, no caso o útero, que sufocava a mulher. O tratamento consistia

em oferecer cheiros fortes e desagradáveis para que a Matriz descesse para seu lugar ou colocar chás e odores agradáveis perto da vagina para atrair a Matriz para o seu devido lugar. Nessa época não havia conhecimento de anatomia com dissecação de cadáveres.

Galeno já em 163 d.C. passou a considerar a histeria uma problemática que envolvia dificuldade de circulação da semente (fluidos) pelos órgãos genitais femininos internos (útero), considerando que o coito ajudaria a lubrificação deste. Nesse momento Galeno, um médico dos Imperadores Romanos, ligou a histeria à origem sexual. Trouxe a histeria para a medicina, mas mesmo assim ainda era um assunto para leigos.

Desde Galeno até a idade média pouco evoluiu o conceito da histeria em medicina.

Ao final da antiguidade clássica a histeria tinha manifestações orgânicas e a origem estava na natureza sexual (não erótica). Porém na Idade Média, época de muitas mudanças nas crenças e valores, onde a religião através do Cristianismo, se sobressaía como uma instituição facilitou associar que a Histeria e a Epilepsia estariam ligadas a uma possessão do mal. Afinal elas tinham uma manifestação corporal com poucos sinais orgânicos propriamente ditos, o que levaria a suposições, mágicas com relativa facilidade. Não é coisa do diabo a dissimulação? Apresentar manifestações que não se comprovam ou distorcem o real com ataques que representam falsos sintomas corporais? Que uma manifestação quer dizer outra coisa que aquilo que se apresenta?

Só no século XVII William Jorden começou a trazer a origem da histeria para o campo da natureza, referindo que seria provável estar no próprio corpo a explicação para essa doença.

Em XVIII Sydenham já classificou a histeria como uma doença mental, mas com manifestações psíquicas, inclusive a depressão.

Entretanto, um médico inglês, James Braid (1795 -1860) vendo uma apresentação de magnetismo para cura da histeria, percebe que o que cura o sintoma da paciente não era o magnetismo do metal utilizado, mas o olhar fixo do paciente num ponto brilhante. Assim defendeu a sua tese com uma publicação batizando tal fenômeno de hipnose.

Charcot em 1848 um médico neurologista, vai trabalhar em Salpêtrière recebendo a incumbência de cuidar de uma ala abandonada e problemática por comportar pacientes que sofriam de epilepsia e que por semelhança de sintomas, porém de origem psíquica,

ofereciam o mesmo tratamento às histéricas. Essa confusão entre psíquico e orgânico permeou a curiosidade de todos os médicos que se depararam com a histeria e seu tratamento.

Charcot então entrou em contato com a hipnose através de uma paciente histérica cuja anestesia da perna fora desfeita quando um médico passou-lhe uma ordem para desfazer tal sintoma ao tocá-la com um metal no local. Por acaso descobre que essa ordem e não o metal teve o efeito. Ele foi aplicar uma injeção na perna da paciente e ela sentiu dor, o que o deixou desconsertado porque imaginara que estaria anestesiada, ou seja, era uma anestesia psíquica e não orgânica. Assim Charcot passou a se valer da técnica da hipnose para retirar e até colocar sintomas nos pacientes. Usa a hipnose de forma teatral e não terapêutica. Debruça-se nestas experiências e seus estudos chegaram ao conhecimento de Freud em Viena no início de suas atividades clínicas.

2. História da histeria a partir de Freud

Sigmund Freud (Mannoni, 1994) judeu, nascido em 06 de maio de 1856 em Freiberg na Morávia, filho do segundo casamento de Jakob Freud, fora estimulado desde a infância pela mãe aos estudos, tendo seu próprio quarto, onde lia compulsivamente. Essa mãe o chamava de “meu sig de ouro”! Provavelmente este estímulo todo lhe deixou enorme desejo de fazer algo importante para a humanidade, pois tinha ânsia pelo conhecimento (Gay, P., 2012). Desde os seus 4 anos Freud e sua família passaram a residir em Viena, onde sua principal atividade parecia ser a leitura e os estudos mesmo. Quando precisou decidir sobre o curso a ser seguido após o Gynnasium, oscilou entre Humanas e a Ciência, decidindo-se pela Medicina por influencia dos estudos da Evolução das Espécies de Darwin, ouvir uma leitura de ensaio *Sobre a Natureza* atribuída a Goethe e seu impulso à pesquisa.

Cursou Medicina de 1874 a 1881, onde passou pelo laboratório de Brücke entre 1876 a 1882, com pesquisa sobre neurônio e glândula sexuais das enguias. Aproximou-se de Meynert nas suas aulas sobre psiquiatria no hospital. E Breuer quatorze anos mais velho, clínico renomado em Viena seu amigo de 1880, também passara pelo laboratório de Brücke, o auxiliava moral e materialmente. Freud interessava-se pelo aspecto neurológico das questões.

Em 1882 ele precisou deixar a pesquisa devido as suas condições financeiras para trabalhar na clínica no hospital, onde o faz sem muito entusiasmo. Isso graças a um empurrão do Prof. Brücke para que enfrentasse a sua realidade.

Em novembro de 1882, após um jantar com a família Breuer, este conta com detalhes à Freud de seu atendimento a Anna O. interrompido em junho do mesmo ano. Freud ficara muito impressionado com o caso dessa paciente, pois era rico em sintomas que a faziam sofrer significativamente.

Dedica-se às doenças nervosas com método de eletroterapia, banhos e massagens e ocasionalmente hipnotismo.

Em 1885 recebeu uma bolsa para viagem de estudos e decide-se para ir ao serviço de neurologia de Charcot, na Salpêtrière, em Paris.

Impressiona-o por demais as demonstrações de Charcot com a hipnose dos pacientes histéricos, onde colocava e retirava sintomas facilmente. Charcot não se interessou pelos estudos neurológicos que Freud lhe oferecia. Seu interesse estava em demonstrar a força que a palavra tinha sobre o sintoma e a doença, o que o impressionou por demais. Charcot obrigaria Freud a conceber a possibilidade de um pensamento “separado da consciência”. Assim Freud conclui que jamais se poderia objetar que um observador sem idéias preconcebidas chegaria à teoria da dissociação da consciência como solução para o enigma da histeria. Pois, ao declarar que a possessão demoníaca era a causa dos problemas histéricos, a idade Média já havia escolhido essa solução. Bastaria substituir a linguagem religiosa daquela época obscura pela linguagem científica de hoje (Mannoni, 1994 pag. 44). Essa é a ponte que Freud fez a partir do método de Charcot para iniciar seus trabalhos e estudos sobre a histeria.

Volta a Viena e abre seu consultório em 1886 na Bergasse 19, onde só sai para fugir dos nazistas em direção à Inglaterra, em 1938.

Com suas experiências clínicas atendendo pacientes com distúrbios neurológicos e nervosos, passou a escrever seus casos junto com Breuer e, a partir da vivência clínica, inicia a montar os princípios básicos da nova ciência: a Psicanálise.

Baseada inicialmente na hipnose, método já utilizado por Breuer no atendimento a Anna O. (1882) a Psicanálise inicia sua caminhada e definição. Pois essa paciente

contribuiu com o método recém fundado da cura pela palavra, com a expressão da “limpeza de chaminé”, depois substituída pela expressão de ab-reação. Freud atende suas pacientes e vai construindo com elas seu método e aperfeiçoando-o.

Por exemplo, com Sra. Emmy Von N. (1889) inaugura-se a cena psicanalítica, pois a paciente, resistente à hipnose, começa a narrar sua história e seus sintomas independente das ordens de Freud. E este pacientemente a escuta, associando seus sintomas atuais com o que ela lembrava.

Já com Miss Lucy (1892), não conseguindo também hipnotizá-la utiliza-se da pressão da sua mão na testa da paciente para “facilitar” a recuperação de suas lembranças traumáticas, é ainda um método de sugestão. Ele já havia se dado conta de que os sintomas revelavam uma parte da consciência esquecida pela paciente, expressada de forma a favorecer sua adaptação, defendendo-se de pensamentos intoleráveis para a consciência.

Com a Srta. Elisabeth Von R. (1892) Freud passa definitivamente a ouvir a história dessas mulheres e certifica-se que a explicação para seus sintomas é retroativo até o trauma inicial, onde cada sintoma atual estaria relacionado à história de vida da paciente. Então, vai definindo que para a nova forma de tratamento psíquico existia o doente e não só a doença. A histérica falava através da conversão de seus conflitos no corpo. Em 1905 no relato do caso Dora, Freud abandona definitivamente a hipnose e reconhece a importância dos sonhos para o tratamento, através da descrição de dois sonhos e suas interpretações.

Assim, através dos tempos, o enigma da histeria, sua origem e tratamento que tanto intrigaram à Ciência e Religião, com mulheres que talvez simulassem através de sintomas físicos o que não era físico, contribuiriam para que um homem, com desejo de sobressair-se frente à Humanidade, conseguisse mergulhar neste enigma e transformá-lo no início de um tratamento que iria se ocupar até os dias atuais da doença psíquica.

Parece que a Psicanálise nos ensinou através da obra de Freud e seus sucessores que a doença é uma “bruxa” que permeia a vida das pessoas, intrincada com o físico, o transgeracional, o social, o histórico e até o espiritual e que se manifesta através de sintomas que passam a serem sinais para nortear a sua origem e evolução. Ou seja, como Freud corajosamente fez, possamos pensar que a queixa do paciente possa ser a

nossa guia para irmos entendendo como as pessoas adoecem ou não e como vão procurando defesas que as ajudem a tolerar os acontecimentos de suas existências. Através da uma escuta sutil de suas narrativas onde cada um possa, ao recordar, ir construindo ou reconstruindo de forma menos dolorosa sua história de vida.

Para concluir, verifica-se que a histeria na sua história enigmática e complexa, foi levando a vários estudos leigos e científicos desde a antiguidade até o final do século XIX e início do sec. XX. Através da capacidade observadora de Freud surge uma nova forma de lidar e amenizar esse mal, cuja metodologia implicou na descoberta da cura pela palavra, dando voz aos pacientes e retirando-os dos manicômios e, sobretudo, inaugurando uma nova forma de relação terapeuta-paciente.

“*Eu mesmo custo a acreditar: ter, como Schliemann, desenterrado uma Tróia, que se supunha mítica*” (Freud apud Mannoni, 1994).

Referências

EDELWEISS, Malomar Lund. *Freud, vida e obra*. Belo Horizonte, Estudos de Psicanálise, nº 4, 1970.

FREUD, Sigmund. *Sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos*: comunicação preliminar (1893) vol. II. Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud. Rio de Janeiro; Imago, 1996.

_____. *Casos clínicos*, vol. II. Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud. Rio de Janeiro; Imago, 1996.

_____. *Cinco lições de psicanálise* (1910), vol. XI. Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud. Rio da Janeiro; Imago, 1996.

_____. *História do movimento psicanalítico* (1914), vol. XIV. Edição Standard das obras psicológicas completas de S. Freud. Rio de Janeiro; Imago, 1996.

_____. *Um estudo autobiográfico* (1925), vol. XX. Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud. Rio de Janeiro; Imago, 1996.

_____. *A etiologia da histeria* (1896), vol. III. Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas S. Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

GAY, Peter. *Freud, uma vida para o nosso tempo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

MANONI, Octave. *Freud: uma biografia ilustrada*. Rio de Janeiro. Jorge Zahar, 1994.

RIBEIRO, Antonio Franco. *Notas para uma história de histeria*. Estudos de Psicanálise, Belo Horizonte, número 19, 1996.